

Eis aqui um índio: ele está morrendo. O que fazer diante de um índio que morre tuberculoso, escarrando sangue, no meio da selva? Esse índio magro, pequeno, atende pelo nome de Severino, genro do tuxaua Alexandre. Esse humilhado cacique que chora a seu

lado — e nada pode fazer para salvá-lo. É só um índio — e está morrendo. Conseguiram arrastá-lo para essa tenda à beira da Transamazônica, mas o chofer do ônibus não quis levá-lo. Sujaria os bancos, com seu escarro sangrento.

É só um índio, então — um índio da nação tenharim, morrendo numa rede suja. Há duas outras redes debaixo dessa mesma tenda: a rede de sua mulher Conceição, que exhibe, desorientada, um envelope com quatro comprimidos inúteis — Izoniazida 100

mg. No envelope está escrito que são comprimidos "para o tratamento de tuberculose" (foi a Funai quem deu). Na outra rede dorme Pia-I, o filho dos dois, minúsculo indiozinho sem futuro e ainda sem nome cristão. Talvez Pia-I signifique isso mesmo — sem fu-

turo —, mas não tivemos coragem de perguntar. A pungente agonia deste tenharim doente e desnutrido mostra bem o terrível destino das nações indígenas da Transamazônica, desde que a estrada os surpreendeu, rasgando suas aldeias, suas lavouras, seus campos de caça. Eles

não têm saída: ou são transferidos para parques e reservas, distantes de seus sagrados e tradicionais lugares, ou ali ficam, abandonados, expostos às doenças dos civilizados ou à exploração de fazendeiros, seringueiros e comerciantes, que os transformam em servos.

A nação indígena caminha para a morte

Quantas tribos viviam no caminho da Transamazônica, algumas tranquilas, outras nem tanto (pois o homem branco chegou antes da estrada, com seu sonho de conquista), até que vieram as máquinas e os tratores derrubando tudo? Segundo a Funai, em 1970, havia 29 tribos ao longo do traçado da Transamazônica, das quais 12 eram isoladas, ou seja, sem contato com civilizados, nove integradas e oito com contatos intermitentes com a Funai, "num total de 4 mil a 4.500 índios". O ministro do Interior na época, Costa Cavalcanti, chamou a atenção para o fato de que as 12 tribos isoladas eram "bastante agressivas".

Achava o ministro que a Funai devia antecipar-se, "no tempo e no espaço", provocando urgente contato com os índios, para atraí-los e transferi-los de suas terras antes da chegada dos empreiteiros, que seriam, de qualquer forma, instruídos sobre como tratar com os selvagens, caso se encontrassem com eles. A Funai jamais teve recursos suficientes para desenvolver as propostas de trabalho ao longo da nova rodovia. Na época, recebeu apenas Cr\$ 50 mil, para comprar brindes, remédios, rádios, facões, bugigangas — essas coisas das quais os índios gostam. E uma ordem: os selvagens não deviam atrapalhar ou atrasar as obras.

Não foi um trabalho fácil para a Funai e seus sertanistas. Alguns grupos indígenas evitavam o homem civilizado como se este fosse o próprio demônio. A princípio, os sertanistas não sabiam a razão desse quase terror, mas pouco a pouco descobriram os motivos. Descobriram, por exemplo, que na região de Altamira, desde o início do século, era hábito de fazendeiros e seringueiros oferecer aos índios alimentos envenenados. Morriam, então, guerreiros, velhos, mulheres, crianças. Até hoje muitos desses índios não aceitam a comida oferecida pelos brancos.

Havia histórias de índios transformados em escravos, nos seringaais ou nos castanheais, e até de índios transformados em garimpeiros ou mineiros. Uma dessas tribos, dos índios arara, ainda hoje vaga, fugindo dos civilizados, a

poucos quilômetros da cidade de Altamira. A estrada dividiu sua aldeia principal em duas, e, agora, enquanto um pequeno grupo está perdido do lado direito da Transamazônica, outro (o maior) ficou-se na região do rio Iriti, afluente do Xingu, no lado esquerdo da estrada. Há 10 anos a Funai tenta atraí-los, inutilmente.

Em novembro de 1970, uma notícia revelava a desorientação dos índios dessas terras. Chegou à Funai um informe dando conta que uma tribo "aparentemente hostil" marchava, ordenadamente, com destino ao Posto Leonardo Villas Boas, no Parque Nacional do Xingu, onde os índios locais temiam um ataque. Os sertanistas acompanhavam a marcha pelos rios de fumaça de suas fogueiras na selva. O deslocamento desses índios passou a ser, durante algum tempo, "um enigma a ser decifrado". Mas, enquanto os irmãos Villas Boas tentavam remover 800 índios txucarramãe das imediações da cachoeira de Von Martius, no Xingu, descobriu-se que a "estranha marcha" não era uma marcha guerreira, mas tão-somente índios em fuga, desorientados, em busca de um lugar mais tranquilo para caçar e plantar.

A estrada expulsava os índios de suas terras.

Eles não eram apenas 4.500, como se pensava, mas muito mais, talvez 20 mil. Ainda hoje há tribos desconhecidas, como a do grupo que já foi localizado próximo à região dos arara pelo sertanista Sidney Possuelo, atual chefe da Frente de Atração Arara.

Em 1971, com as obras da Transamazônica em pleno andamento, temia-se um atraso "por causa dos índios", alguns dos quais insistiam em "visitar" as frentes de trabalho. Índios ingênuos, pacíficos: em grupos de 30 ou 40, eles entravam nos acampamentos e, como crianças, levavam, à vista de todos, roupas, alimentos e equipamentos usados pelos operários, que nada podiam fazer para impedir o "saque". Índios às vezes brincalhões: uma vez pegaram um dos operários e raspavam sua cabeça, utilizando para isso uma folha de capim "navalha".



Na frente de atração, um verdadeiro forte



Desnutridos, explorados, decadentes, condenados



Os não aculturados ainda guardam suas festas



Enquanto outros vão para a estrada pedir esmolas



Alexandre, cacique tenharim

Texto de Luiz Fernando Emediato
Fotos de Claudinê Petrolí
Enviados Especiais

Os arara, sempre fugindo

Com o quase constante suceder de acontecimentos tão trágicos, não é de se admirar que os arara, de Altamira, fujam da civilização. É certo que em passado recente eles tiveram certa convivência com os civilizados, conta o professor Ubirajara Marques Umbuzeiro. Por volta de 1880, revela, chegou ao Xingu o cearense Raimundo de Paula Marques, um homem branco de olhos muito claros, que foi aprisionado pelos arara; acabou tornando-se o tuxaua da tribo e procurou inutilmente conduzi-la para a civilização.

Só se teve notícia desses índios outra vez por volta de 1833, quando visitaram a fazenda de Manoel Cavalcante Umbuzeiro, parente do professor Ubirajara. Em 1968 eles reapareceram, atacando os trabalhadores que abriam uma estrada, matando um deles e flechando outro, Francisco das Chagas Pimentel. Três anos depois, a Funai tentou um contato com a tribo, mas levando Pimentel como guia: os índios reconheceram-no como inimigo e não aceitaram diálogo.

A partir daí houve vários ataques e várias mortes, entre as quais a de três técnicos da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, CPRM, massacrados no meio da floresta em 1976. Os habitantes de Altamira (que temem e odeiam os índios arara, considerando-os "animais bárbaros") praticamente se habituaram com essas notícias.

Ficou famosa, por exemplo, a campanha que contra eles desenvolveu, quase numa operação de guerrilha ou contraguerrilha, o seringueiro Inácio Silva, conhecido como "Carrasco do Rio Pardo" (o mesmo Inácio Silva que massacrara o casal de fazendeiros dos quais arrendava as terras, atribuindo o crime aos índios que ele perseguia).

Podem-se dizer, porém, que os arara estão com os dias contados. Após 10 anos de fracassos, a Funai resolveu investir Cr\$ 350 mil men-

sais numa frente de atração comandada pelo sertanista Sidney Possuelo. É perfeitamente razoável concluir que restará aos arara duas alternativas: serem atraídos pela Funai ou — no caso de novo fracasso dessa missão — sucumbirem diante dos colonos, pois a ocupação de suas terras, legal ou ilegalmente, é mera questão de tempo.

É isto que o sertanista Possuelo diz querer evitar: que os índios sejam mortos pelos colonos, ou vice-versa. As terras dos arara abrangem 400 mil hectares à margem esquerda da Transamazônica, entre a rodovia e o rio Iriti, afluente do Xingu. Os mesmos 400 mil hectares comprados pela Cooperativa Tríticola de Ijuí, Cotrijuí, que pretende colocar ali 2 mil famílias de gaúchos. Sucede que, quando a Cotrijuí começou a abrir sua primeira estrada, da Transamazônica em direção ao Iriti, teve de parar no quilômetro 12: os índios atacaram.

Foi aí que a Funai interveio. Possuelo solicitou — e conseguiu — a interdição da área. Agora, planeja pedir a interdição de mais um milhão de hectares, também dentro do Polígono de Altamira, reservado para colonização, por decreto federal do governo Médici. Os colonizadores e grandes fazendeiros começaram então a espalhar rumores segundo os quais os índios arara não existem, atribuindo as mortes e flechadas a grupos de garimpeiros, caçadores e seringueiros que atacam na área e não querem ver "suas" terras vendidas para a União.

É verdade que poucas pessoas podem afirmar terem visto os arara frente a frente. Quem poderia afirmar tal coisa não sobreviveu para contar a história. A própria missão da Funai instituída para atraí-los foi atacada, há cerca de um mês, no local onde a Cotrijuí interrompeu sua estrada. Ali foi montado um acampamento de apoio da Frente de Atração.

O governo tinha pressa

Mas nem tudo era brincadeira. À época das obras da rodovia Perimetral Norte, houve denúncias de que o Exército metralhava índios waimiri-atroari, esses índios guerreiros que não hesitam em matar um sertanista, indocês diante do que consideravam invasão de suas terras de caça. Desencontros. Em maio de 1972, com o trabalho de atração apenas semi-iniciado, o sertanista Antônio Cotrim Neto desligou-se da Funai, acusando-a de não obedecer às diretrizes traçadas para a pacificação das tribos isoladas.

O governo tinha pressa — os índios, não era fácil adivinhar quem seria o perdedor. O sertanista denunciava que a Funai não estava sobrepondo todas as áreas nas quais poderia haver tribos, permitia o contato entre trabalhadores e índios sem a assistência de pessoal especializado e — o que era mais grave — não seguia à risca as medidas profiláticas previstas para a não contaminação dos grupos indígenas. Assim, havia nas frentes de trabalho operários tuberculosos ou não vacinados. Naquela época mesmo, a Força Aérea Brasileira constatou que 80% dos índios muduruku, da região de Itaituba, estavam tuberculosos.

Para os índios parakanã, da região de Marabá, foi criada uma reserva de 178.700 hectares, perto de Tucuruí, mas nem isso evitou que surgisse no grupo um surto de doenças venéreas. Não se pode dizer que os demais grupos tiveram melhor sorte, ainda que alguns hoje estejam em relativa tranquilidade no Parque Nacional do Xingu, para onde foram transferidos.

Índios dos grupos parakanã, assumiram, açucarote, em histórica luta com mineradores e caçadores de pele: juruna, craó, caiapó, também agressivos; pirahã, caiabi, parintintin, encontrados já na miséria, explorados por barqueiros, seringueiros e caçadores; munduruku e apiacá, apurina e paumari, caripuna, camanari, nauá, nhambiquara, apinagê, cintas-largas, suruí, suiá, murá, txucarramãe, crenhacore — esses os índios da Transamazônica.

A procura de alguns desses grupos e de outros, desconhecidos, ainda continua. Semanas atrás, uma equipe de missionários da prelazia de Lábrea, no Amazonas, onde termina a Transamazônica, verificou pela primeira vez um grupo de 400 índios do rio Coxodá — uma nação que sintomaticamente odeia armas de fogo, e que vive em abundante fartura. São índios brincalhões, rissonhos, mas é certo que esta aldeia durará pouco: por suas terras passará, futuramente, o trecho Benjamin Constant-Lábrea, previsto no Plano Rodoviário Nacional.

Na região de Humaitá, os índios pirahã, colhedores de castanha nos vales dos rios Maici e Marmelos, estão reivindicando cerca de 10 grandes castanheais que, segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foram ilegalmente apropriados por um ex-inspetor do antigo Serviço de Proteção ao Índio, SPI, Sebastião Pereira, cujo genro, Eduardo Duarte, mais Tita S. Lopes e Francisco Alecrim, "herdaram" a posse dessas terras. Estabeleceu-se o conflito entre os "herdeiros" e os índios, o que acabou levando à morte, em 1975, do pirahã Silvério. O autor da morte, um certo Otávio, empregado de Eduardo Duarte, desapareceu.

O padre José Sagues, da prelazia de Humaitá, encaminhou uma denúncia à Funai, na época. Recebeu uma resposta do general Ismarth de Araújo, ex-presidente do órgão. Mais denúncias levaram a uma carta evasiva do presidente seguinte, Ademair Ribeiro da Silva, e a nenhuma resposta do atual presidente, coronel Nobre da Veiga.

Nessas terras são explorados, além da castanha do Brasil, a sorna, o pau-rosa, madeiras de lei e produtos de caça e pesca. Os donos de barcos — os "regatões" — praticamente escravizam os índios: em troca da extração desses produtos, oferecem não dinheiro, mas bebidas alcoólicas e bugigangas, como espelhos, facas, colares, camisetas. Há denúncias de que estes mesmos comerciantes conduziram algumas mulheres indígenas à prostituição.

de artesanato, comprado a preços baixíssimos pelo funcionário que a Funai deixou ali, Felix Parente Brito, que revende as peças em Porto Velho, com grande lucro. Um colar vendido pelos índios a Cr\$ 20,00 pode ser comprado por Cr\$ 300,00 na loja "Meca, Bijouteria e Artesanato", na estação rodoviária de Porto Velho, onde também custam Cr\$ 1.200,00 um arco e duas flechas pelas quais os índios recebem Cr\$ 200,00.

Aldeia tenharim, terça-feira, 29 de julho. Enfiado numa rede, um índio morria de tuberculose, cercado de silêncio e mulheres tristes. No mês passado, informa o chefe Alexandre, morreram quatro crianças.

Ele fala de cabeça baixa, humilhado, cheio de amargura.

Mostra seu genro Severino agonizando. Sua filha Conceição, mulher de Severino, mãe de Pia-I, olha com medo; e pergunta, em tupi, se não podemos fazer alguma coisa, mostrando o envelope de comprimidos enviado pela Funai. O que fazer, diante de um índio morrendo? Alexandre pede carona até 20 quilômetros adiante, aonde está Maria Ci, mulher do funcionário da Funai. O funcionário está em férias e ela não sabe o que fazer. Irritada, diz que o tuxaua mente.

— Esses índios não têm noção do tempo — diz ela. São uns igno-

rantes. Eu mesma tratei esse Severino, só estava esperando que ele melhorasse para levá-lo de ônibus até o hospital de Porto Velho, pois os motoristas não queriam levá-lo escarrando sangue. Mas ele não quis meu tratamento e fugiu.

O tuxaua Alexandre insiste em dizer que não é verdade, que também as crianças estão morrendo.

— Morrendo nada, compadre — grita a mulher. E, virando-se — Vocês sabem o que é um índio. Morreu há um ano, ele diz que morreu ontem.

E, no entanto, o tuxaua Alexandre desfilia datas como se as tivesse na memória: dia o dia, o mês, o ano;

diz o dia em que começou a doença de Severino; e depois se cala, parece que imaginando ser inútil aquilo tudo.

Três dias depois da visita à aldeia tenharim, Porto Velho. A Funai é avisada de que havia um índio morrendo na Transamazônica e um funcionário informa que naquela manhã mesmo uma ambulância seguiu para buscar seu corpo. Imaginavam, entretanto, que ele ainda estaria vivo.

Amanhã, Itaituba e seu "imperador"

Cabeça baixa, amargurado, humilhado, silencioso. É o fim

Pobre nação tenharim. Ela não resistiu, como os arara resistem, e já era uma nação escrava antes mesmo que a Transamazônica chegasse. Os tenharim pertencem ao grupo tupi, mas perderam a importância dos antigos guerreiros desse grupo. Quando a Transamazônica cortou suas terras, eles já viviam em contato com os seringueiros e nem eram considerados índios, mas "caboclos". É verdade que poucos falavam português, mas a Funai considerou desnecessário transferi-los, "devido ao adiantado estado de aculturação"; e resolveu apenas delimitar suas terras, deixando de fora as cabeceiras do rio Marmelos,

território tradicional da nação tenharim.

Os índios construíram sua aldeia às margens da Transamazônica, a 124 quilômetros da cidade de Humaitá. Ali, naqueles casabes, o tuxaua Alexandre lembra, no seu português confuso, que eles eram 1.400 guerreiros fortes: "Agora somos isso que todo mundo vê". São 153 índios, apenas. Uma visão melancólica: crianças barrigudas de verminose, homens magros, alguns falando português corrente, outros só a própria língua.

Vivem de colher castanha, trocada por alimentos e roupas com os comerciantes que os exploram, ou